

O quanto 2020 nos interroga? O quanto *Ensaio sobre a cegueira* desvenda? Notícias de um experimento de leitura duplamente singular

Guilherme Henrique Paro*

Miriam Denise Kelm**

Resumo: O artigo traz uma reflexão sobre as injunções entre um período singular como foi a eclosão da pandemia de Covid-19 em 2020 e a concomitante leitura da obra **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago (1995), realizada em sala de aula, no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa. Para tanto, o referencial teórico está ligado à formação do leitor literário, em seu percurso de amadurecimento e refinamento na recepção de obras ficcionais complexas e alegóricas. Oportuniza-se a retomada das discussões de ordem interativa: autor-texto-sociedade, reafirmando a completa simbiose das produções artísticas com o meio e os tempos que as proporcionam. Contempla-se, em especial, a percepção de um processo em curso, no próprio autor, de ceticismo crescente e implacabilidade do olhar diante da existência humana e, por fim, registra-se o aporte metodológico da escrita diarística, tornada tão significativa no período mencionado. Para tanto, recorre-se às memórias e entrevistas dadas por José Saramago; passa-se pela caracterização do diário nas palavras de Philippe Lejeune e Judith Butler; faz-se uma incursão no tema do engajamento do autor diante da historicidade, através de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir; insere-se considerações sobre a Literatura Portuguesa Contemporânea e sua atualidade e, por último, agrega-se à descrição do experimento pedagógico de leitura de **Ensaio sobre a cegueira** um relato discente, revelando o grau de subjetividade envolvida e contribuindo para a legitimidade da experiência que motivou essa reflexão.

Palavras-chave: Diário. Formação do Leitor Literário. Literatura Portuguesa Contemporânea. Pandemia.

Em meados de março de 2020, prestes a dar início ao primeiro semestre letivo do Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal do Pampa, na região da Campanha, extremo sul do Rio Grande do Sul, a comunidade acadêmica foi notificada de que as aulas estavam suspensas. Em meio a muitas incertezas que atravessavam o mundo e a continuidade dos estudos em tempos pandêmicos, docentes e discentes foram levados a se habilitar em novas formas de interação pela via do ensino remoto. Cinco meses depois, as aulas foram retomadas dentro da nova modalidade, inaugurando um processo de difícil assimilação para a maioria dos integrantes do Ensino Superior. Novas facetas sobre a realidade do país, o processo de exclusão a que muitos estudantes foram expostos e a necessidade de repensar estratégias de ensino-aprendizagem vieram à tona.

De forma quase intuitiva, mas creditando à alteração algumas possibilidades maiores de realização, modificamos um tópico do *corpus* de leitura previsto para o sétimo semestre letivo, na

* Graduado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) campus Bagé, Professor na RC Oficina do Saber Mentoring Educacional.

** Doutora em Letras - Teoria da Literatura, Professora Associada da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), no campus Bagé/RS. E-mail: miriamkelm@unipampa.edu.br.

área da Literatura Portuguesa contemporânea. O romance **Jangada de pedra**, de José Saramago, foi substituído, momentaneamente, e optamos por ler em conjunto **Ensaio sobre a cegueira** (1995), do mesmo autor. Claramente, interferíamos no propósito de estudar as relações identitárias estabelecidas por Portugal com suas fronteiras geográficas e imaginárias, para buscar alimento em um viés de espectro mais amplo. Como afirma Eduardo Calbucci (1999, p. 119), “Já a partir de **O evangelho segundo Jesus Cristo** e **Ensaio sobre a cegueira**, percebe-se um desprendimento dos temas inerentes a fatos da nacionalidade, para substituí-los por parábolas não propriamente portuguesas, mas de caráter generalizador.”

Também propomos aos discentes a escrita de um diário reflexivo de curso, em que as impressões sobre leitura e discussões em aula fossem registradas. Dado o caráter subjetivo e processual, esse diário findaria por fixar muito mais do que as ocorrências ligadas às leituras propostas.

Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago

Publicado em 1995, logo reconhecido e traduzido para diversas línguas, atribui-se a esse romance o mérito de ter sido decisivo na escolha de Saramago para o recebimento do Prêmio Nobel de Literatura em 1998. Em data bem posterior, sempre resistente quanto à cessão dos direitos de suas obras para a criação de versões cinematográficas, em 2008, foi lançada a adaptação para o cinema do cineasta brasileiro Fernando Meirelles. Em sessão privada e anterior ao lançamento oficial, conforme registros fílmicos de livre acesso, José Saramago ficou extremamente emocionado com o resultado final da modalidade de sua obra para o cinema. Dizia sentir-se tão feliz quanto ficou ao concluir o processo de criação do livro, mas entenda-se, porque o percurso havia sido fortemente marcado pela angústia, conforme é possível verificar na plataforma YouTube, sob o título “José Saramago após assistir **Ensaio sobre a Cegueira** (2008), ao lado de Fernando Meirelles (diretor)”¹.

Nesse período, veio à tona uma declaração de Saramago em mais uma menção ao caminho doloroso que acompanhou a gênese do texto ficcional, tal como suas palavras revelam:

Este é um livro francamente terrível com o qual eu quero que o leitor sofra tanto como eu sofri ao escrevê-lo. Nele se descreve uma longa tortura. É um livro brutal e violento e é simultaneamente uma das experiências mais dolorosas da minha vida. São 300 páginas de constante aflição. Através da escrita, tentei dizer que não somos bons e que é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso².

¹ Disponível em: <https://youtu.be/5MbYmHyh1wU>. Acesso em: ago. 21.

² Disponível em: <http://catedrasaramago.webs.uvigo.gal>. Acesso em: ago. 21.

Perguntado sobre se o sofrimento é inerente à criação, Saramago refutaria a ideia em princípio, porém: “Há muito romantismo fácil à volta da criação literária. No fim faz-se as contas à quantidade de satisfação pelo trabalho feito. O sofrimento a gente escolhe.” (MENDES, 2012, p. 145). Relataria que a angústia da página em branco nunca o alcançou, pois, “nunca me senti vazio. Às vezes pode acontecer perguntar-me: ‘E agora o que é que eu faço? E agora depois disto, o que é que eu sou capaz de fazer?’”, por exemplo, depois de acabar livros importantes de meu ponto de vista.” (MENDES, 2012, p. 145). Então se depreende que a obra **Ensaio sobre a cegueira** representou, antes de tudo, uma escolha, um confronto proposto a si mesmo, com a consciência de que a travessia da criação literária teria esse caráter incontornável em relação à sua postura diante da humanidade, pois, em seu entender: “Não há consolo para nós, lamento, mas não há. Não há consolo.”, reafirma Saramago (MENDES, 2012, p. 179).

A obra trata do acometimento de uma epidemia de cegueira branca que atinge a todos de forma indistinta, modificando de forma caótica o cenário mundial. Com o fenômeno, sobressai a insensatez do ser humano ditada pela luta atroz em manter-se vivo, reaparecendo os velhos mecanismos de abuso de poder na desordem social instaurada. Homens e mulheres, relegados à ferocidade de seus instintos, assumem comportamentos vis e se despem de todos os requisitos mínimos de civilidade. Mas, há uma exceção: um pequeno grupo, liderado por uma mulher não atingida pela cegueira, a qual “sabe que no mundo em que vive o que está sujo sujar-se-á ainda mais” (SARAMAGO, 1995, p. 258), realizará a travessia mantendo a dignidade humana em todas as suas escolhas, lembrando sistematicamente dos atributos mais caros conquistados pelos sentimentos virtuosos, generosos e solidários que podem e deveriam reger as relações humanas, em qualquer tempo e em qualquer lugar.

Aqui se arrolam a gentileza, a discrição, a partilha, a simplicidade, o pudor, a higiene, a preservação de si, a respeitabilidade, o abrigo da casa, a candeia, a chuva, o alimento, a companhia uns dos outros, tal como se pode ler e que é reconhecido pelo grupo que enfim chega à casa do médico, ao término da narrativa: “aquilo era como uma felicidade, sob a luz suavíssima os próprios rostos encardidos pareciam lavados.” (SARAMAGO, 1995, p. 261).

Nas páginas finais, repletas de irrupções do narrador sobre o existir, desenrolam-se, de forma cada vez mais nítida, as suas reflexões: “ao princípio não parecia ser este o destino, mas nenhum de nós, candeias, cães ou humanos, sabe, ao princípio, tudo para que tinha vindo ao mundo.” (SARAMAGO, 1995, p. 260). Pode-se ler nas ações praticadas pelo grupo, diante das circunstâncias inclusive nessa fase final, o dilema que se faz presente - individualismo/coletivismo -, sobressaindo a opção por esse último, o que nos lembra prerrogativas sartreanas concebidas em sua filosofia existencial, ligadas à

responsabilização pelos próprios atos e o compromisso para com a coletividade. Ao avaliar o percurso degradante, cuja palavra mais forte é traduzida por “abjecção”, a mulher do médico encarna a consciência do mundo e de si, com um alto preço a pagar revelando: “[...] é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos” (SARAMAGO, 1995, p. 262). A finalização do trajeto, a despeito da dor, desponta com uma esperança: “Se eu voltar a ter olhos, olharei verdadeiramente os olhos dos outros, como se estivesse a ver-lhes a alma.” (SARAMAGO, 1995, p. 262).

Apontamentos sobre a interação autor/texto/leitor/contexto

De pronto, principiada a leitura do romance pelos discentes, iniciaram-se as percepções associativas entre a ficção e a realidade então experimentada no princípio de 2020, primeiramente de forma tímida, para depois assumir as conexões possíveis, formulando-se a pergunta à docente: “Essa obra foi escolhida de propósito, em função do período presente”? A resposta afirmativa trazia aos alunos a noção de mais esse privilégio que nós, e eles, futuramente, na condição de professores de Língua e Literatura, desfrutamos, desde que nos façamos leitores atentos e sensíveis, isto é, a possibilidade de escolher as obras a serem lidas e estudadas em sala de aula.

A obra **Ensaio sobre a cegueira** viabiliza a exploração de inúmeros vieses semânticos e estilísticos, tais como: o comprometimento do autor com as questões de seu tempo e sua proposta de entendimento do mundo; a construção da narrativa fundada no recurso à alegoria e seu potencial distópico; a ironia como outra marca estilística de José Saramago; a mútua distensão de forças reativas entre autor e contexto e o modo como ambos, simultaneamente, se autoestimulam; a profundidade das percepções de José Saramago que não teme enfrentar e dar nome ao processo de desumanização a que estamos submetidos, mas, que aponta, nas páginas finais, os lugares de sentido ainda possíveis e que precisam ser preservados.

Seria impossível passar pela obra em vista sem mencionar o recurso à alegoria elencado por Saramago em sua concepção. A leitura converteu-se em uma possibilidade fértil para explorar essa figura estilística tão fundamental no romance, pois, segundo Grawunder (1996, p. 162):

A alegoria incorpora ecos de várias convenções simbólicas das expressões humanas. Agitando-se na ambivalência e ambiguidade, ela se institui e constitui sob um princípio de superposição de expressões, de antigas a novas, deformadoras e recriadoras. Com base no pensamento analógico, nela se estabelecem nuances de semelhança e diferença, de proporcionalidade e paralelismo. Assim, a alegoria dispensa as meras similitudes, para operar sobre proporções e também sobre o princípio da inversão de significados, como na ironia e na paródia.

Jean-Paul Sartre, em texto a ser lembrado: **Que é literatura?**, publicado em 1947, expõe o pensamento de que o autor entrega a sua alma de forma involuntária na escrita literária, legando ao leitor algo de si mesmo sob a forma de visão de mundo (e não mensagem), o que não ocorre intencionalmente, mas *por acréscimo* (grifo nosso), e é esse excedente não planejado, esse entregar-se sem o aparentar, que é recebido pelos leitores (SARTRE, 1993, p. 27). É também nesse ensaio que Sartre defende o sentido de palavra como ação, como forma de intervenção na sociedade e, portanto, como modo de relacionar-se com a historicidade:

[...] ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; atinjo-a em pleno coração, traspasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. Assim, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento. É legítimo, pois, propor-lhe esta segunda questão: que aspecto do mundo você quer desvendar, que mudanças quer trazer ao mundo por esse desvendamento? O escritor “engajado” sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar. (SARTRE, 1993, p. 20).

Lembramos também de Simone de Beauvoir, que em suas memórias (**A força da idade**, de 1960) registra o que percebera por si mesma: são as fortes movimentações históricas, inclusive as inesperadas, que imprimem no escritor a urgência da consciencialização tal como encontramos em suas próprias palavras ao ver a deflagração da 2ª. Guerra Mundial, para ela até então inconcebível: “Em 1939 minha existência mudou de maneira radical; a História pegou-me para não mais largar; por outro lado, dediquei-me a fundo e para sempre à Literatura.” (BEAUVOIR, 1984, p. 357). Em suas palavras, viver significava acompanhar a “marcha do mundo”.

Com isso queremos dizer que José Saramago claramente, e mais para o final da vida, pois contava com 75 anos quando **Ensaio sobre a cegueira** foi publicado (1995), ao modo de um sábio vincado ao tempo presente, lança olhos para o passado e para o futuro dos seres humanos... e o tom é de pesar:

Não vale a pena nem inventar céus nem inferno. Aqui, sobre este inferno (aponta para o chão) de vez em quando temos momentos de céu. O amor pode ser um momento de céu, uma paisagem, uma página de um livro, um poema, uma grande obra de pintura... agora o inferno é para sempre, e na Terra, aqui, não se lhe vê o final, não se lhe vê o final. (MENDES, 2012, p. 183).

Saramago, grande leitor, que revirara os processos históricos não só de seu país, em busca de entendimento, que havia presenciado as conflagrações políticas do século XX posicionando-se *a gauche*, compreendendo que interesses econômicos e midiáticos regiam as relações, percebendo que o individualismo se instaurara de forma feroz e que as desigualdades sociais só se agravavam,

Saramago, que não abrisse mão de acompanhar “a marcha do mundo” sentindo-se irmanado à coletividade, tornara-se cético para com o destino dos seres humanos. Para o biógrafo João Marques Lopes (2010), a publicação em estilo alegórico e pessimista de **Ensaio sobre a cegueira** inaugurou um novo ciclo na obra de José Saramago.

Em outra obra escrita com idade avançada, **As pequenas memórias** (2006), Saramago se interroga sobre o que existe em sua própria vida e que merece ser contado. Retoma então a infância pontuada pela presença dos avós, “esse mágico casulo”, matéria bruta em que se forja o adulto e também fonte primordial em que reconhece a criança de outrora a quem nunca quereria frustrar, a quem apetercer-lhe-ia, aos 84 anos, convidar a um último passeio. Da infância na aldeia de Azinhaga, diz ele: “Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas da memória e o vulto anunciado do futuro”. (SARAMAGO, 2006, p. 14-15). O vulto crescera, transformando-se em autor profundamente comprometido com a coletividade, tal como os aprendizes leitores iam depreendendo.

O diário reflexivo de curso

Ao longo do ano de 2020, assistimos a ocorrência de incontáveis iniciativas pessoais resgatando a forma memorialística mais intimista e subjetiva: o diário. O diário que se praticou não só pela modalidade escrita, mas que assumira formas variadas, utilizando-se de recursos como imagem, via sonora, registros de percursos daqueles mais diretamente ligados ao combate à pandemia, voluntários, cientistas, pessoas comuns que se viram isoladas e cujo cotidiano se alterara profundamente. A imprensa diuturnamente noticiava (e ainda noticia) os números e o desenrolar da doença, aos quais só restava assistir e tentar proteger-se. O modo como se passava a lidar com o tempo, com o tempo de sobra e o tempo de incertezas, tinha de ser outra vez construído. E o cotidiano, pressentida a intensidade e a vontade de traduzir-se, encontrou no diário uma expressão. Novamente as memórias de Simone de Beauvoir confirmam: “E subitamente, certa manhã, a coisa aconteceu. Então, na solidão e na angústia, comecei a escrever um diário.” (BEAUVOIR, 1984, p. 376).

Philippe Lejeune discorre sobre a base característica do formato diário, a data, e diz:

O diário é uma série de vestígios. Ele pressupõe a intenção de balizar o tempo através de uma sequência de referências. [...] o diário se inscreve na duração. A série não é forçosamente cotidiana nem regular. O diário é uma rede de tempo, de malhas mais ou menos cerradas. (LEJEUNE, 2008, p. 260)

O autor esclarece ainda que, desde o final do século XVIII, a “pessoa em si” o pôs a seu serviço, portanto, o diário é, sim, uma emanção do indivíduo e de uma necessidade. E mais, “É, em

primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nós os nossos próprios destinatários no futuro.” (LEJEUNE, 2008, p. 261). Portanto, a insurgência do relato diarístico em tempos pandêmicos se assenta no entrecruzamento tanto da incerteza e abalo diante da novidade, quanto na tímida aposta de que o relator/confidente sobreviveria ao período, e que pudesse olhar para trás com a grata convicção de ter ultrapassado um momento tão crítico.

Lejeune ainda dispõe que o diário, mais que “uma espécie de trilho que permite discorrer sobre o tempo”, atende a algumas funções, dentre as quais destacamos as que melhor se enquadram na perspectiva adotada no momento da crise pandêmica e que explicam, em parte, a sua emergência e a prática tão disseminada: conservar a memória, sobreviver, desabafar, resistir e deliberar. A última é notável, pois “Esse exame não se refere apenas ao que é, mas também ao que será: o diário está voltado para o futuro. Há em mim debate e diálogo: passo a palavra às diferentes vozes de meu ‘foro íntimo’.” (LEJEUNE, 2008, p. 261-266). Assim, o praticante examina a questão, reflete e delibera sobre o rumo a tomar.

Numa assertiva que cabe perfeitamente à situação vivida em 2020, Judith Butler informa que o relato de si obedece a uma injunção anterior, levando o indivíduo a posicionar-se pela forma narrativa diante de condições de vida não escolhidas por ele mesmo:

A relação que o ‘eu’ vai assumir consigo mesmo, como vai se engendrar em resposta a uma injunção, como vai se formar e que trabalho vai realizar sobre si mesmo – tudo isso é um desafio [...] a injunção força o ato de criar a si mesmo [...] ela prepara o ambiente para a autocriação do sujeito. (BUTLER, 2019, p. 31).

Assim surgem as memórias, as autobiografias, os diários, nos quais, segue Butler, “o sujeito sempre faz um relato de si mesmo para o outro, seja inventado, seja existente, e o outro estabelece a cena de interpelação como uma relação ética.” (BUTLER, 2019, p. 33).

Instigados os discentes à escrita que deveria acompanhar o processo de leitura, seguiu-se um exercício interior que se desdobrava em diálogos cada vez mais significativos, e que desembocaram na constatação de que a alegoria da cegueira branca estava em sintonia profunda não só com o que de pior se observava na atualidade, mas com o que, vislumbrado nas entrelinhas saramaguianas, poderia nos redimir.

Agregamos aqui o relato feito pelo discente Guilherme Henrique Paro, dando mostras do percurso letivo:

Durante o segundo semestre do ano de 2020, participei do componente de Literaturas de Expressão Portuguesa II, ministrado pela professora Miriam Kelm, que nos apresentou, ao longo das aulas, textos de literatura portuguesa os quais possuíam uma importância significativa na construção, ou melhor, na reconstrução da identidade portuguesa durante o século XX. Dentre as obras escolhidas pela professora, havia uma em especial que, desde a apresentação do Plano de Ensino,

saltou aos olhos, não apenas aos meus, mas de muitos outros que já possuíam algum conhecimento sobre aquele título. **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago, sem dúvidas, foi o romance que acendeu, em toda a turma, uma possibilidade de reflexão de maneira tão profunda e ao mesmo tempo tão coletiva, que me marcou significativamente. Creio que a experiência de leitura dessa obra também atingiu a todos em alguma medida, pois, antes mesmo de chegar o momento de discussão e troca de impressões em aula, já havia uma necessidade de relatar os impactos que a leitura do livro estava nos causando. Relembrando esse momento em particular agora, penso na importância de termos construído “diários” ao longo das aulas. Eles foram essenciais para dar vazão a esses sentimentos de incertezas, angústias e até mesmo de esperanças que a obra afluía. Devo ressaltar que a circunstância à qual líamos o texto era muito singular, para dizer o mínimo. Estávamos em plena pandemia de Covid-19, algo inédito para todos nós, e ainda líamos um romance em que as personagens passavam por uma epidemia, uma epidemia de cegueira branca. Ao longo dos encontros era inevitável não mencionarmos as diferentes condições que havia ali entre nós, as novas relações com nossos familiares e amigos, as novas privações decorrentes do isolamento social e sem dúvida as perdas que nos afetaram.

Lembro que, quando chegamos no momento do encontro destinado às discussões e impressões sobre o livro de Saramago, era um dos últimos do semestre, então havia um certo sentimento em relação a estarmos chegando ao fim do componente e também ao fim de um ano tão difícil. Nossa turma sempre carregou uma característica de buscar manter-se unida, e quando não pudemos mais estarmos juntos todas as noites, um impulso de coletividade se intensificou à medida em que nos mantivemos separados contra nossa vontade. Talvez seja justamente por esse estado singular em que nos encontrávamos, que foi possível termos uma reflexão especial com a obra, de forma interpessoal e subjetiva e, no momento da aula, com as câmeras e microfones abertos (desarmados), conseguimos trocar nossas experiências. Reajustamos nossos olhares para o próximo e refletimos sobre as condições em que já nos encontrávamos, mas que pela experiência da leitura sobre uma epidemia de cegueira, foi possível enxergar o que já estava naturalizado aos nossos olhos. Constatamos que estávamos nos assemelhando muito mais com as personagens afetadas pela cegueira, do que pela protagonista que guia o pequeno grupo de desolados. Nós tateávamos o invisível buscando projetar um futuro incerto, alguns com mais positividade do que outros, mas todos buscando nos ajudar de alguma forma. (Guilherme Henrique Paro, discente do Curso de Letras – Português – Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade Federal do Pampa, campus Bagé/RS).

A Literatura Portuguesa contemporânea – tempo e interlocuções

Que a Literatura Portuguesa contemporânea tem respondido de forma veemente às injunções presentes – guerras, violência de gênero, racismo, anticolonialismo, pós-memória, identidade, deslocamentos e desenraizamento – é fato constatado de que dão mostra seus inúmeros criadores. Autores como Saramago, Valter Hugo Mãe e Lídia Jorge, inseridos na historicidade de seu tempo e acometidos pelos atravessamentos periódicos dos acontecimentos, não se imiscuem de mergulhar na complexidade das relações humanas, vindo à tona com romances instigantes, incômodos e dolorosos, às vezes.

Aos leitores, convocados pela sua escrita e curiosos em descobrir que parcela da realidade foi contemplada mediante nova ficção, experimentar a traduzibilidade que os escritores realizam sob a forma criativa, mais a possibilidade de interagir pelo pensamento, de cada vez, é conhecimento que se alarga e se aprofunda, é sensibilidade que se aguça.

Se os elementos composicionais que tipificam a arte alegórica acabam por traduzir o mundo conceitual e emocional do artista em relação ao seu tempo histórico, conforme Grawunder (1996, p. 162), incluímos aí o romance **Ensaio sobre a cegueira**, reconhecendo em Saramago o artista que, interpelado pelo mundo e seres de seu tempo, a ela recorre e o reinventa para que todos possam se “ver” melhor. O que nos leva a propor que seria esse um romance em que, sobretudo, o narrador dialoga consigo mesmo, tendo em vista destinatários que respondem pelo nome... humanidade.³ Ao lê-lo, o processo de humanização é ofertado aos discentes, assim como a todos que possam sentir a leitura como uma dádiva e um desvendamento, tornando a travessia pela existência ao menos mais acompanhada e esclarecida. Papel esse que o registro diarístico também desempenhou competentemente.

Gratidão à turma LP 11, 2020/01, do Curso de Licenciatura em Letras, já agora formada, e à interação inesquecível que se deu, pois as prerrogativas estavam todas lá: conjunções contextuais, compartilhamento entre alunos e professora, a obra literária. Que esses agora professores agreguem tantas descobertas e as disseminem em suas salas de aula.

Ave Saramago! E o quanto nos proporcionas!

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **A força da idade**. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo** - Crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CALBUCCI, Eduardo. **Saramago** – um roteiro para os romances. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

GRAWUNDER, Maria Z. **A palavra mascarada**: sobre a alegoria. Santa Maria: Ed. UFSM, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. NORONHA, Jovita M. Gerheim. (org.). Trad. Jovita M.G. Noronha e Maria I. Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

³ Cientes da problematização com que o termo tem sido confrontado, pois, originalmente, nele não se pressupunha incluída toda a representatividade humana, étnica e cultural existente e, sim, a parcela que corresponde à civilização ocidental, o adotamos nos referindo a tudo aquilo que é próprio da espécie humana e que a ela pertence, a absolutamente todos e todas que assim se reconhecem e dela participam.

LOPES, José Marques. **Biografia** – José Saramago. Lisboa: Guerra & Paz e Pluma, 2010.

MENDES, Miguel Gonçalves. **José e Pilar** – conversas inéditas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é literatura?** 2. ed. Trad. Carlos F. Moisés. São Paulo: Ática, 1993.

How much 2020 interrogates us? How much *Essay on blindness* unveils? News from a doubly singular reading experiment

Abstract: The article reflects on the injunctions between a singular period such as the outbreak of the Covid-19 pandemic in 2020 and the concomitant reading of the work **Essay on blindness**, by José Saramago, held in the classroom, in the Licentiate Course in Letters from the Federal University of Pampa. Therefore, the theoretical framework linked to the formation of the literary reader is sought, in its path of maturation and refinement in the reception of complex and allegorical fictional works. It provides an opportunity to resume discussions of an interactive order: author-text-society, reaffirming the complete symbiosis of artistic productions with the environment and the times that provide them. In particular, it contemplates the perception of an ongoing process, in the author himself, of growing skepticism and implacability of looking at human existence and, finally, the methodological contribution of diary writing, which became so significant in the mentioned period, is registered. To do so, we resort to the memoirs and interviews given by José Saramago; the diary is characterized in the words of Philippe Lejeune and Judith Butler; an incursion into the theme of the author's engagement with historicity, through Jean-Paul Sartre and Simone de Beauvoir; it includes considerations on Contemporary Portuguese Literature and its actuality and, finally, a report by a student is added to the description of the pedagogical experiment of reading **Essay on blindness**, revealing the degree of subjectivity involved and contributing to the legitimacy of the experience that motivated this reflection.

Keywords: Diary. Pandemic. Portuguese Contemporary Literature. Reader Training Literary.

Recebido em: 03/09/2021 – Aprovado em: 25/02/2022